



RELIGIÃO E ECONOMIA:
abordagem do magistério de Francisco

RELIGION AND ECONOMY:
approach to the magisterium of Francis

RELIGIÓN Y ECONOMÍA:
acercamiento al magisterio de Francisco

Daniel Carvalho da Silva*

RESUMO

O presente estudo concentra-se nas teorias econômicas e no magistério do Papa Francisco no que aborda as questões socioeconômicas e de governança global. O objetivo é analisar como Francisco acerca-se de tais questões, identificando princípios cristãos e apontando caminhos para a ação católica. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica dos documentos papais que tangem os temas da economia e da justiça social. A hipótese é a de que o Papa apresenta uma visão crítica sobre o sistema econômico atual e defende políticas que promovam a justiça social e a solidariedade. Os resultados encontrados enfatizam a proteção dos direitos dos humanos e do meio ambiente, e o apoio a políticas de redistribuição da riqueza e de erradicação da miséria.

Palavras-chave: Economia de Francisco. Justiça socioambiental e econômica. Mercado financeiro.

ABSTRACT

The present study focuses on the economic theories and the teaching of Pope Francis when it comes to concerning socioeconomic and global governance issues. The objective is to analyze how Francis approaches such issues, identifying Christian principles and pointing out paths for Catholic action. The methodology used was a bibliographical review of papal documents covering the themes of economics and social justice. The hypothesis is that the Pope presents a critical view of the current economic system and defends policies that promote social justice and solidarity. The results found emphasize the protection of human rights and the environment, and support for policies to redistribute wealth and eradicate poverty.

Keywords: Economy of Francisco. Socio-environmental and economic justice. Financial market.

RESUMEN

El presente estudio se centra en las teorías económicas y las enseñanzas del Papa Francisco en lo que respecta a cuestiones socioeconómicas y de gobernanza global. El objetivo es analizar cómo Francisco aborda estas cuestiones, identificando principios cristianos y señalando caminos para la acción católica. La metodología utilizada fue una revisión bibliográfica de documentos papales que cubren los temas de economía y justicia social. La hipótesis es que el Papa presenta una visión

* Doutorando e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Goiás. Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. Brasil. ORCID: 0000-0002-8700-4113. E-mail: carvalho_danyel@hotmail.com.

crítica del sistema económico actual y defiende políticas que promueven la justicia social y la solidaridad. Los resultados encontrados enfatizan la protección de los derechos humanos y el medio ambiente, y el apoyo a políticas para redistribuir la riqueza y erradicar la pobreza.

Palabras clave: *Economía de Francisco. Justicia socioambiental y económica. Mercado financiero.*

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo explorar o modo como religião e mercado se interseccionam no magistério do Papa Francisco. O atual bispo de Roma tornou-se conhecido por ser um defensor ativo dos direitos dos empobrecidos e explorados, e tem criticado duramente as desigualdades econômicas que o modelo de produção capitalista acarreta.

Francisco, em entrevistas e pronunciamentos, tem chamado a atenção para a necessidade de proteger o meio ambiente e condenado o uso desmedido dos recursos naturais. Assim, enfatiza que os seres humanos não podem ser reduzidos a meros consumidores e que a economia não pode ser baseada exclusivamente no lucro. Em vez disso, ele defende que a economia deve ser orientada para o bem comum e que os recursos devem ser usados de forma responsável e equitativa.

Ademais, o Papa sustenta que a degradação do meio ambiente tem um impacto negativo direto sobre os mais pobres e vulneráveis da sociedade, e que é responsabilidade moral das nações ricas tomar medidas para proteger o planeta. Ele também enfatiza a importância de respeitar a inter-relação entre seres humanos e biodiversidade e a necessidade de garantir um desenvolvimento sustentável.

A Igreja Católica, sobretudo no Brasil, tem um histórico notável de defesa da proteção ambiental e do desenvolvimento sustentável¹. No entanto, é importante notar que as opiniões do Papa Francisco não são sempre bem-vindas por todos, especialmente por

¹ A emergência da ecologia como paradigma socioeconômico é recente. O paradigma ecológico ganhou destaque somente na segunda metade do século XX. Por isso, pode parecer incoerente sugerir que a Igreja Católica tenha um histórico significativo de defesa ambiental. Contudo, considerando o curto período de atuação das organizações sociais nesta ceara, é possível afirmar que a Igreja Católica atuou como precursora dos movimentos que trabalham pela proteção ambiental. No Brasil, é inegável, por exemplo, a reflexão e a atuação do teólogo Leonardo Boff, que culminou em documentos como a *Carta da Terra*, gestada a partir da Rio-92, em 1992, e ratificada no ano 2000. Outro exemplo é a carta pastoral do bispo Pedro Casaldáliga – *Um Igreja na Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social* – publicada em 1971, que representa o primeiro documento de viés sociológico que relaciona a deflorestação amazônica à exploração e à marginalização dos povos autóctones. Ademais, a atuação de organismos eclesiais como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), ambos fundados na década de 1970, contribuíram enormemente com a demarcação de vários territórios indígenas que, hoje, estão preservados. Do mesmo modo, a atuação da CPT tem colaborado tanto com a reforma agrária quanto com a expansão das atividades de produção agroecológicas no país.

aqueles que defendem o capitalismo liberal e financeirizado. Ainda assim, suas opiniões têm sido aceitas por expressivo número de populações, e sua liderança tem sido fundamental para chamar a atenção a questões críticas como a desigualdade econômica e a proteção ambiental.

Neste artigo perscrutaremos as sendas pelas quais o Papa relaciona fé e economia em seus documentos magistrais a fim de identificarmos seu pensamento acerca do binômio religião-mercado. Antes de entrarmos no conteúdo de seu magistério, no entanto, palmilharemos sobre alguns marcos teóricos importantes para a discussão empenhada, a fim de dar clareza às conclusões obtidas com este estudo.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO E MERCADO

Muitos autores já refletiram sobre a relação entre religião e mercado econômico. Os mais conhecidos talvez sejam Smith, Marx, Weber e Durkheim. Adam Smith, que é considerado o pai da economia moderna, sustenta, em sua obra *A Riqueza das Nações* (1776), que a religião e a economia não são duas realidades desligadas. Smith (1776) acredita que a religião tem importância fundamental para o desenvolvimento da economia, ao passo que esta fornece um conjunto de valores éticos que orientam as ações dos indivíduos.

Além disso, Smith (1776) entende que a religião também desempenha um papel importante na manutenção da ordem social e na estabilidade política, o que é essencial para o funcionamento eficaz do mercado.

Karl Marx (1867), por outro lado, como crítico da religião (Marx, 1867, p. 45-66), sustenta que ela é uma forma de opressão utilizada pelos detentores do poder econômico para manter os trabalhadores subjugados. Nesse caso, a religião serviria para distrair os trabalhadores de suas condições precárias e para justificar a opressão e a exploração a que são submetidos.

Assim, Marx (1867) sustenta que a religião seria uma forma de alienação, já que os trabalhadores são separados de sua verdadeira natureza e dos frutos de seu trabalho. E essa alienação seria reforçada pela religião – neste caso, especificamente pelo cristianismo –, que prega que a vida terrena é temporária e que a real recompensa está na vida eterna. Essa forma de alienação, de acordo com Marx, impediria os trabalhadores de alcançarem sua correta liberdade.

Max Weber (1905), em sua *A ética protestante e o espírito do capitalismo*,

assemelha-se de algum modo a Smith. Segundo Weber (2004), o protestantismo, especificamente o calvinismo, teve um papel importante para a deflagração do capitalismo moderno.

Com ênfase na ética do trabalho duro e na prosperidade material como sinal da eleição divina, o protestantismo teria incentivado os indivíduos a investir em suas empresas e a acumular riqueza, adubo para o desenvolvimento do mercado econômico.

Além do que, Weber (2004) argumenta que a ênfase protestante na ética pessoal e na responsabilidade individual teria criado as condições ideais para o capitalismo. Isso se deve a que os indivíduos estariam mais dispostos a correr riscos e a inovar, uma vez que não se colocariam mais sob a pesada tutela de uma instituição religiosa, embora considerem-se agindo sob a proteção do sagrado.

Emile Durkheim, em suas obras *As regras do método sociológico* (1983) e *A Divisão do Trabalho Social* (1999), discorre sobre as relações que percebe entre a religião e o mercado econômico. Durkheim (1983) acredita que a religião é uma força social fundamental que cria a solidariedade e a coesão necessárias para o funcionamento eficaz de uma sociedade. Do mesmo modo, são essenciais também a divisão do trabalho, tanto na religião quanto no mercado.

Por isso, quanto mais complexa for a sociedade, mais especializada será a divisão do trabalho, o que influenciará para que a realização das tarefas sociais se dê de maneira eficiente. No âmbito religioso, a divisão do trabalho colabora para garantir a coesão e a solidariedade da sociedade. No âmbito do mercado, a divisão do trabalho colabora para garantir a eficiência e a prosperidade econômica (Durkheim, 1999).

Vale ressaltar também as pesquisas de Roger Finke e Rodney Stark (2003) sobre o tema. Um argumento inovador em relação às teorias de Smith e Weber é o de que a crença na providência e na justiça divina, contida na religião cristã, criou a confiança necessária para que os indivíduos investissem em negócios e inovações econômicas.

No entanto, os autores destacam que a relação entre mercado e religião nem sempre é positiva. O capitalismo pode levar a desigualdades sociais e econômicas, e a religião pode ser usada para justificar a exploração e a opressão. Nesse caso, os autores defendem que haja equilíbrio entre os valores econômicos e os valores morais e éticos para que a relação entre mercado e religião possa ser benéfica para todos.

O olhar panorâmico que fizemos sobre as teorias que discorrem sobre economia e religião possibilitam tecermos algumas apreciações; coisa que faremos a seguir.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO E MERCADO

As relações entre religião e mercado podem ser vistas de diversas formas, dependendo do contexto e da perspectiva. A religião pode influenciar a ética e os valores morais do mercado, como a honestidade, a transparência e a responsabilidade social. Pode também ser um fator de estabilidade social e econômica, criando confiança e estabilidade para investimentos e negócios – como parece ser o caso dos judeus.

A religião pode ser ainda um fator de desenvolvimento econômico na perspectiva da solidariedade, como nos casos de criação de redes de caridade e assistência social, e a promoção de iniciativas de negócios éticos. Contudo, em caso oposto, a religião pode ser usada como justificativa para a exploração e a opressão no mercado.

A escravidão, por exemplo, foi justificada por alguns com base na Bíblia. Desde esse prisma, ela se tornaria um fator de desigualdade econômica, como quando se discrimina ou se marginaliza determinados grupos étnicos ou religiosos com a força do mercado. Por isso, cabe ressaltar que as relações entre religião e mercado são complexas e multifacetadas, variando de acordo com o contexto histórico, cultural e social.

A Ciência da Religião (Passos; Usarski, 2013) tem se debruçado sobre a relação entre mercado e religião há muito tempo, e existem várias perspectivas e abordagens diferentes. Algumas das principais formas como as Ciências da Religião compreendem essa relação, incluem: 1) a abordagem histórica, que analisa como a religião e o mercado evoluíram juntos ao longo da história, e como a religião influenciou o desenvolvimento econômico e social; 2) a abordagem sociológica, que enfoca as relações entre religião e mercado em diferentes contextos sociais e culturais; 3) a abordagem antropológica, que busca analisar como diferentes culturas e sociedades entendem e praticam a religião e o mercado, e como essas práticas afetam a economia e a sociedade; 4) a abordagem psicológica, que quer analisar como a religião influencia as crenças, os valores e as motivações dos indivíduos no mercado e como isso afeta suas decisões econômicas; e 5) a abordagem filosófica, que busca centrar-se sobre as questões éticas e filosóficas, como a justiça social, a igualdade e a responsabilidade.

De modo geral, os estudos sugerem que a relação entre religião e mercado pode variar dependendo do tipo de religião e do tipo de mercado (Löwy, 2016, p. 53-69). Por exemplo, as religiões monoteístas tendem a ter uma relação mais positiva com o capitalismo, ao passo que as religiões politeístas tendem a ter uma relação mais negativa. Isso porque as religiões monoteístas geralmente enfatizam a submissão à vontade divina e a ética do trabalho

intenso, enquanto as religiões politeístas enfatizam a natureza e o equilíbrio e, assim, podem ser mais críticas ao capitalismo e suas tendências de exploração e desigualdade.²

O cristianismo, especificamente o catolicismo que será objeto de nossa observação mais acurada a seguir, embora seja fundamentalmente monoteísta, neste momento histórico, tem em seu líder máximo, o Papa Francisco, um dos mais ferrenhos críticos mundiais das violações provenientes do modo de produção e consumo capitalistas.

O estudo que segue quer identificar como o pontífice compreende a relação entre religião e economia / governança global. Antes, no entanto, traremos à baila alguns traços característicos do pensamento católico sobre a mesma pauta retomando as chamadas encíclicas sociais, publicadas desde o papado de Leão XIII.

4 O CATOLICISMO ROMANO E A ECONOMIA MUNDIAL

O magistério da Igreja Católica tem uma longa história de ensinamentos sobre economia e justiça social. Vários papas ao longo dos anos, cada um a seu modo, têm falado sobre a ordem econômica mundial e como ela deve ser justa e equitativa para todos³.

O Papa Leão XIII, na encíclica *Rerum Novarum* (1891), versando sobre a condição dos trabalhadores, defendeu a ideia de que a propriedade privada é legítima desde que seja usada de forma justa e lícita e que a economia deve ser regulada para garantir a justiça social.

Por sua vez, o Papa Pio XI, na *Quadragesimo Anno* (1931), reiterou a defesa da propriedade privada e da economia de mercado, mas também criticou a desumanização do trabalho e a concentração de riqueza em poucas mãos. Ademais, defendeu a necessidade de intervenção estatal para garantir a justiça social.

O Papa João XXIII, na encíclica *Mater et Magistra* (1961), defendeu a importância do desenvolvimento econômico, entretanto criticou a falta de consideração pelos mais pobres e necessitados. Pediu ainda a cooperação internacional para alcançar o

² Note-se neste parágrafo a presença das variadas formas do verbo *tender*. As tendências nunca são constantes e universais. O que se quer evidenciar é que há orientações gerais nas diferentes configurações religiosas que se adequam de formas mais ou menos justapostas às diferentes configurações econômicas vigentes. Há correntes no cristianismo, no islamismo e judaísmo que enfatizam a ética do trabalho e a prosperidade econômica. Contudo, há correntes nessas mesmas religiões que sublinham a partilha e a justiça social. O Papa João Paulo II, depois de ter vivido sob o comunismo na Polônia, aproximou o Vaticano dos empenhos da política estadunidense, abertamente capitalista. O Papa Francisco, oriundo de um país historicamente colonizado e recentemente governado por militares apoiados pela política externa estadunidense que buscava evitar outras revoluções socialistas na América Latina além daquela de Cuba, enxerga no capitalismo uma máquina de morte.

³ Francisco Aquino Júnior (2023) publicou a obra *Encíclicas sociais: um guia de leitura* na qual analisa e apresenta chaves de leitura para as doze encíclicas católicas que abordam os temas relacionados à economia e à governança global.

desenvolvimento econômico justo e equitativo.

Poucos anos depois, o Papa Paulo VI, na *Populorum Progressio* (1967), foi incisivo quanto à necessidade de um desenvolvimento econômico justo e paritário, e criticou a exploração econômica dos países pobres pelos ricos, indicando, assim, a importância da cooperação internacional, para alcançar um desenvolvimento econômico que não aprofundasse a desigualdade social, mas, ao contrário, a erradicasse.

O Papa João Paulo II tinha uma visão complexa sobre as relações entre catolicismo e o mercado econômico. Ele geralmente defendia a importância do mercado como um meio para o desenvolvimento econômico e social, mas também enfatizava a necessidade de equidade e justiça social.

Uma de suas encíclicas mais notáveis sobre o tema da justiça social é *Sollicitudo Rei Socialis* (1987), na qual discorre sobre a importância de garantir a justiça social e a redução da desigualdade econômica. O polonês afirma que o Estado tem o dever de intervir no mercado econômico, quando necessário, para garantir a justiça social e que a desigualdade econômica é inaceitável, pois desrespeita a dignidade humana e cria uma sociedade dividida.

O Papa condenou ainda a exploração dos mais pobres e a concentração de riqueza nas mãos de poucos. Em termos religiosos, João Paulo II acreditava que a ética cristã deveria ser a base para as decisões econômicas e que os valores cristãos, como a solidariedade e a caridade, deveriam ser levados em conta nas políticas econômicas. Ele também defendia a importância de garantir que os trabalhadores tivessem direitos justos e condições de trabalho dignas.

O Papa Bento XVI, ainda mais que João Paulo II, ficou conhecido por suas opiniões conservadoras e por sua defesa da tradição da Igreja Católica. Contudo, durante seu papado, ele também se pronunciou sobre questões econômicas e de governança global. Uma de suas principais contribuições foi, certamente, a encíclica *Caritas in Veritate* (2009). Nela, o pontífice defendeu, como seus antecessores, a necessidade de cooperação internacional e da solidariedade para alcançar um desenvolvimento econômico equilibrado que garantisse qualidade de vida a todos os povos.

Bento XVI (2009) entendia a globalização econômica como um risco e uma possibilidade. Por um lado, ela poderia ser responsável pela crescente desigualdade social na ordem mundial, por outro, poderia ser ocasião de crescimento para os diferentes povos. Para ele, a governança global deveria basear-se na justiça e no bem comum. Além disso, o bispo de Roma sustentou a necessidade de um humanismo integral que agregasse desenvolvimento econômico à proteção da autonomia humana e do meio ambiente, sempre

baseada em valores éticos e morais.

O Papa atual, no entanto, tem sido mais incisivo sobre estas mesmas pautas. É sobre ele que versaremos a seguir.

5 O MAGISTÉRIO DE FRANCISCO

Jorge Mario Bergoglio, Papa Francisco, atual líder da Igreja Católica, nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1936. Religioso jesuíta, foi nomeado arcebispo de Buenos Aires em 1998. Em 2001, foi criado cardeal pelo Papa João Paulo II. Em 2013, foi eleito Papa, tornando-se o primeiro bispo de Roma latino-americano e o primeiro pontífice a escolher o nome Francisco.

Desde então, ele tem sido um defensor ativo da justiça social, da paz e da ecologia integral, criticando a desigualdade econômica, a exploração dos pobres e todos os tipos de intolerância. O Papa tem feito esforços para incluir nos espaços de decisão da Igreja Católica um maior número de leigos e criticado severamente o clericalismo.

Além disso, tem buscado estabelecer diálogos entre a Igreja Católica e outras igrejas e religiões em vistas da superação de conflitos religiosos e até políticos. Durante seu pontificado, tem viajado extensivamente, visitando muitos países e falando com líderes mundiais sobre as questões elucidadas anteriormente como centrais para seu governo pastoral.

Entre os documentos apresentados à Igreja Católica pelo Papa Francisco, alguns merecem destaque sob o enfoque que pesquisamos. O primeiro deles, *Evangelii Gaudium* (2013), é considerado como uma espécie de programa para o papado de Francisco. O documento versa sobre a importância de levar a mensagem do Evangelho às pessoas por meio de uma ação pastoral mais próxima delas, além de mais humilde e missionária. Já nesta primeira exortação, Francisco aborda questões de justiça social, incluindo a desigualdade econômica e a exploração dos empobrecidos.

Mas, é, sem dúvidas, com a *Laudato Si* (2015), que o Papa argentino parece ter dito a que veio. Esta encíclica trata sobre a questão do meio ambiente e da ecologia, e é considerada a principal contribuição da Igreja Católica nesse campo.

Trata-se de um apelo à conversão ecológica, construído aos moldes do método ver-julgar-agir (Lopes; Pertile, 2021; Ferreira, 2016), no qual Francisco expõe o drama da crise climática e o analisa à luz da revelação bíblica, à qual ele denomina *evangelho da criação*. Sua conclusão é a de que toda a tradição judaico-cristã exige “uma relação de reciprocidade

responsável entre o ser humano e a natureza” (Francisco, 2015, n. 65).

O pontífice evidencia, então, a urgência de a humanidade – em todos os seus âmbitos governamentais – a atuar na proteção da natureza e de tomar medidas para combater as mudanças climáticas que indiciam verdadeiros cataclismos para um futuro próximo do planeta Terra. Ele identifica que meio ambiente e justiça social são um binômio que atinge negativamente, primeiro e, sobretudo, os marginalizados, e defende, por isso, o imperativo de uma *ecologia integral*⁴ que se agregue ao desenvolvimento econômico, isto é, que garanta a integridade humana e a preservação do meio ambiente.

Em 2019, o Papa Francisco convidou jovens economistas e empresários de todo o mundo para um evento em Assis, na Itália, onde eles pudessem se encontrar e discutir uma proposta de economia diferente (Francisco, 2019).

Conforme o pontífice, urge o surgimento de uma economia que “não mata, que inclui e não que exclui, que humaniza e não que desumaniza, que cuida da criação e não que a devasta” (Francisco, 2019). O objetivo era estabelecer um *pacto* para mudar a economia atual e atribuir *alma* à economia do futuro. Ele acredita que é necessário *realmar*⁵ a economia, e escolheu Assis como lugar inspirador para isso, posto que seja uma cidade simbólica para o humanismo e a fraternidade.

Na carta-convite o Papa retoma a *Laudato Si* para enfatizar que a proteção do meio ambiente não pode estar separada da justiça social, e que é preciso corrigir modelos de crescimento que não levam em conta a preservação do meio ambiente e a equidade social. Essa economia nova deverá ser baseada na comunhão, na fraternidade e na equidade.

O encontro, que deveria ocorrer em 2020, foi adiado em virtude da pandemia do Coronavírus, e aconteceu em 2022. De modo geral, a *Economia de Francisco* condena a ideologia do progresso ilimitado – afinal, o planeta Terra, de onde se extraem todas as matérias-primas, não se expande – e defende a necessidade de um desenvolvimento sustentável que leve em conta o impacto ambiental e social (Francisco 2019).

No mesmo sentido, também para 2019, Francisco convocou um sínodo dos bispos para refletir sobre a Amazônia, especificamente sobre sua ecologia e sobre a evangelização de seus povos. A discussão abordou as questões e desafios enfrentados pela região

⁴ Ecologia Integral traduz uma concepção que assume o mundo todo como *Casa Comum* – que, por sinal, é uma expressão contida no subtítulo da referida encíclica – ao passo que não considera a natureza como objeto, mas como sujeito. Além disso, assume todo o ecossistema como um modo de vida integrado, no qual os microrganismos, os animais humanos e não humanos, a vegetação, o solo, a água e o ar são componentes equânimes. O Papa aborda o tema no IV capítulo da *Laudato Si*, e o faz de modo a incluir as dimensões ambientais, sociais, econômicas e culturais no escopo ecológico.

⁵ No Brasil a proposta passou a ser nomeada *Economia de Francisco e Clara*. Brasileiro (2023).

amazônica, incluindo a questão da preservação ambiental, a defesa dos direitos dos povos originários e a promoção de um desenvolvimento econômico e social justo e igualitário.

Como resultado desse sínodo, o Papa Francisco publicou uma Exortação Apostólica intitulada *Querida Amazônia* (2020), na qual apresenta recomendações para a Igreja e para a sociedade em geral com vistas na proteção da Amazônia e de sua sociobiodiversidade. A questão econômica é central, ao passo que o avanço do agronegócio, da mineração ilegal, da poluição e degradação dos rios, do tráfico de pessoas, do narcotráfico e da expropriação dos territórios de posse dos povos indígenas são afetados, sempre, em vista do enriquecimento das grandes corporações e em detrimento da vida dos pobres e do ecossistema.

A encíclica *Fratelli Tutti* (2020), por sua vez, aborda a questão da fraternidade e da amizade social. Apropinqua-se, portanto, da imprescindibilidade da solidariedade e da cooperação entre as pessoas, e defende a necessidade de uma sociedade mais justa e fraterna. O Papa discorre ainda sobre a necessidade de construir pontes, em vez de muros, e sobre a importância da paz e da reconciliação. Tudo isso tem a ver com justiça social e ambiental.

Em 2023, Francisco publicou *Laudate Deum*, um encíclica que tem sido considerada a segunda parte da *Laudato Si*. Nela, o Papa retoma o tema da crise climática evidenciando seu agravamento. E afirma que o paradigma tecnocrático desvincula a humanidade da natureza, especialmente as nações ricas que creem poderem sobreviver somente com a técnica, enquanto os empobrecidos são vitimizados pelos eventos ambientais extremos.

O pontífice chama a atenção para a fragilidade da política internacional, que tem falhado em seus compromissos de frear o aquecimento global e convoca toda a família humana a caminhar em comunhão. Ele enfatiza, assim, o sonho de um mundo justo, onde todos possam viver dignamente e no qual uns poucos não lucrem exorbitantemente sobre os demais.

Sobre a política ambiental, Francisco é incisivo. Denuncia que as reuniões das Conferências das Partes das Nações Unidas (COP) têm sido ineficazes em seus esforços para a redução da crise climática. E assevera acerca do encontro vidoiro, em Dubai, 2023:

Se temos confiança na capacidade do ser humano transcender os seus pequenos interesses e pensar em grande, não podemos renunciar ao sonho de que a *COP28* leve a uma decidida aceleração da transição energética, com compromissos eficazes que possam ser monitorizados de forma permanente. Esta Conferência pode ser um ponto de viragem, comprovando que era sério e útil tudo o que se realizou desde 1992; caso contrário, será uma grande decepção e colocará em risco quanto se pôde alcançar de bom até aqui (LD, 54).

Francisco não se exime de apontar diretamente a questão da justiça social e da ética

econômica, criticando a cultura do descartê e os modelos econômicos excludentes que levam à desigualdade e à exploração. Com isso, ele afirma que o mercado e a economia devem servir ao bem comum e não apenas aos interesses de um pequeno grupo de poderosos.

Além disso, o Papa tem sido crítico em relação aos excessos do capitalismo e do neoliberalismo, argumentando que esses sistemas econômicos, por levarem à desigualdade e a opressão, mata. Em sua visão, o catolicismo e a economia não são opostos, mas complementares, e devem trabalhar juntos para construir uma sociedade mais justa e solidária. Ele afirma que a economia deve ser guiada por princípios éticos e morais, e que os cristãos têm uma responsabilidade e uma oportunidade especial de lutar pela justiça social e pelo bem comum.

Se os papas anteriores escreveram encíclicas sobre questões sociais direcionadas aos católicos, o Papa Francisco escreve à humanidade. *Laudato Si* e os movimentos que decorreram dela – como a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), o Movimento *Laudato Si*, o Sínodo para a Amazônia, a criação da Conferência Eclesial da Amazônia, a publicação de *Laudate Deum*, a produção do filme-documentário *A Carta* e tantas outras iniciativas de cunho ecoteológico – colocam o pontífice em diálogo próximo com ambientalistas, povos originários, ecologistas, biólogos e todas as “pessoas de boa vontade” (Francisco, 2015, n. 62), além de, obviamente, pedir aos católicos uma conversão ecológica radical.

Francisco relaciona e, em alguma medida, contrapõe, assim, a revelação bíblica à devastação ambiental, o modo de vida dos povos originários ao paradigma tecnocrático, e a justiça social à preservação ambiental. O Papa retoma o princípio teológico pelo qual o Cristo ressuscitado é reconhecido como *cabeça do universo* (Cl. 1, 15-24) e exige, em termos sociológicos, uma mudança dos cristãos em relação à Criação de Deus (Susin, 2010). É um Papa que diz ao mundo para o quê veio: quer uma sociedade menos desigual, baseada numa economia mais solidária, que se apoie tanto na justiça social quanto na ambiental.

Para isso, Francisco atua em diferentes frentes: 1) em termos eclesiológicos, aponta a sinodalidade como caminho; 2) em termos teológicos, enfatiza a Teologia da Criação; 3) em termos litúrgicos, abre discussões sobre novos ritos, como é caso do Rito Amazônico sugerido em *Querida Amazônia* (n. 82) e sobre a alargamento da ministerialidade de modo a incluir mais pessoas, sobretudo as mulheres; 4) em termos econômicos, propõe um modo novo de gerir os bens da Criação; 5) em termos ecológicos, analisa, aponta caminhos e cobra os líderes mundiais que têm poder para efetivar mudanças concretas. De fato, é um Papa que coloca a Igreja em saída em direção às periferias do mundo com o intuito de colaborar para a superação das crises.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões sobre algumas teorias econômicas e a abordagem do Papa Francisco, é possível tecermos algumas inferências. Em primeiro lugar, é evidente que o Papa Francisco, sustentado pela Teologia da Criação, defende uma economia baseada em valores éticos e morais, que promova a justiça social e a redução da desigualdade econômica, e que proteja o meio ambiente.

Ademais, ele evidencia a necessidade de cooperação internacional e de um desenvolvimento econômico justo e equitativo, especialmente para os países em desenvolvimento. Além disso, é possível notar que o Papa Francisco tem uma visão holística da economia, que integra a justiça social, a justiça ambiental e a justiça econômica. Ele defende a necessidade de *realmar* a economia atual, com base em uma cultura da comunhão, da fraternidade e da equidade, e tem um forte compromisso com a defesa dos direitos dos povos originários.

Por fim, é importante destacar que o pensamento econômico do Papa Francisco é uma chamada à ação dos indivíduos e para a sociedade como um todo, para que possamos construir uma economia mais solidária entre as pessoas e entre as nações. À luz da fé católica, o que o Papa propõe é que continuemos a estudar e a refletir sobre essas questões e que incorporem tais valores em nossas próprias vidas e em nossas práticas comunitárias, a fim de contribuir para a construção de uma economia mais justa e equitativa para todos e todas.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco. **Encíclicas sociais**: um guia de leitura. São Paulo: Paulinas, 2023.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BRASILEIRO, Eduardo (Org.). **Realmar a economia**: a economia de Francisco e Clara. São Paulo: Paulus, 2023.

BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica Caritas in Veritate**: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. São Paulo: Paulinas, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. Papa Francisco, e o método? considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Pensar**, v. 7, n. 2, p. 215-228, 2016. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3649/3750> Acesso em: 05 nov. 2023.

FINKE, Roger; STARK, Rodney. The Dynamics of religious economies. In: Dillon, M. (Org.) **Handbook of the Sociology of Religion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Laudato Si***. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em: 24 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 22 jan. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Carta para o evento *Economy of Francesco***. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html. Acesso em: 08 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica *Laudate Deum***: a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html Acesso em: 04 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. ***Fratelli Tutti***: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: CNBB, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Acesso em: 24 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia**: exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 22 jan. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis***: pelo vigésimo aniversário da *Populorum Progressio*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html. Acesso em: 22 jan. 2023.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta Encíclica *Mater et Magistra***: sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1961. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html. Acesso em: 22 jan.

2023.

LEÃO XIII, Papa. **Carta Encíclica *Rerum Novarum***: sobre a condição dos operários. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1891. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 22 jan. 2023.

LÖWY, Michael. A ética católica e o espírito do capitalismo: o capítulo da sociologia da religião de Max Weber que não foi escrito. In: **O que é capitalismo da libertação: religião e política na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo / Editora Expressão Popular.

LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa; PERTILE, Cassiano Alberto. O método ver-julgar-agir: genealogia e sua relação com a teologia da libertação. **Razão e Fé**, 22, n. 2, p. 33-43, 2021. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rrf/article/view/2897>. Acesso em: 5 nov. 2023.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: MARX, Karl & ENGELS, Fredrich. **Sobre a religião**. Lisboa: Edições 70, 1976.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.) **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2013.

PAULO VI, Papa. **Carta Encíclica *Populorum Progressio***: sobre o desenvolvimento dos povos. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 22 jan. 2023.

PIO XI, Papa. **Carta Encíclica *Quadragesimo Anno***: sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no XL aniversário da encíclica de Leão XIII “*Rerum novarum*”. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1931. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acesso em: 22 jan. 2023.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SUSIN, Luiz Carlos. **A criação de Deus**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em: 29-06-2023
Aprovado em: 22-12-2023